

Symbolon IV

# MEDO E ESPERANÇA

Em...

Ésquilo

Tucídides

Plutarco

Séneca

Santo Agostinho

Carlos de la Rica

editado por

BELMIRO FERNANDES PEREIRA

ANA FERREIRA

PORTO 2014

## FICHA TÉCNICA

TÍTULO: SYMBOLON IV – MEDO E ESPERANÇA

ORGANIZAÇÃO: BELMIRO FERNANDES PEREIRA E ANA FERREIRA

EDIÇÃO: FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

ANO DE EDIÇÃO: 2014

COLECÇÃO: FLUP e-DITA

EXECUÇÃO GRÁFICA: Sersilito-Empresa Gráfica, Lda.

TIRAGEM: 150 exemplares

DEPÓSITO LEGAL: 311011/10

ISSN: 1646-1525

ISBN: 978-989-8648-37-2

# Medo e esperança como condicionantes da actuação do homem de Estado em Plutarco

A associação da temática do medo e esperança à obra de Plutarco permite vislumbrar de imediato uma tríade de políticos do século V ateniense, cujos feitos ilustram as definições de audácia, coragem e cobardia feitas por Aristóteles na *Ética a Nicómaco*. É possível que, num primeiro momento, esta associação pareça estranha. Mas, se se tiver presente que a influência de Aristóteles sobre o pensamento do polígrafo de Queroneia está subjacente a toda a sua obra, este raciocínio começará a fazer sentido.

Na *Ética a Nicómaco*, o Estagirita sugere por diversas vezes, em relação a diferentes vícios e virtudes, que a sabedoria reside no equilíbrio entre ambos<sup>1</sup>, como por exemplo em *EN* 1108b11-1108b13:

Havendo três disposições de carácter, duas são perversas, a que é por excesso e a que é por defeito, e uma é a da excelência, a qual corresponde à posição intermédia<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Da pequena viagem pelos textos de Plutarco e Aristóteles que a seguir se propõe, ficará por demais evidente que também o biógrafo das *Vitae* se manteve fiel à máxima grega do μήδην ἄγαν, ou, se preferirmos, à latina do *in medio est virtus*...

<sup>2</sup> Caeiro (2004: 56).

Curiosamente, nesse mesmo texto, Aristóteles dedica alguns parágrafos à distinção entre audácia, coragem e cobardia. De acordo com ele (EN 1108b19-1108b26),

o corajoso parece ser audaz relativamente ao cobarde, mas parece ser cobarde relativamente ao audaz (...). Por isso que ambos os extremos não apenas se repelem um ao outro, mas ambos repelem também o meio. O cobarde chama ao corajoso audaz e o audaz chama-lhe cobarde.

A audácia (θρασύτης), por exemplo, que é um excesso, não se opõe à coragem, mas antes à cobardia, que é um defeito<sup>3</sup>.

O discípulo de Platão define ainda o medo como “expectativa de um mal”. Segundo ele, podemos considerar coisas más a infâmia, a fome, a doença, a inimizade e a morte (EN 1115a 9-12).

Antes de se proceder à análise das três figuras de políticos que serão discutidas neste estudo, é igualmente conveniente lembrar a descrição que Tucídides faz dos protegidos de Atena, pois parece haver a ideia de que há determinadas características inerentes à condição de ateniense. Uma delas é τόλμα (“audácia, coragem”).

Os Atenienses, como no-lo testemunha Péricles em Thuc. 2. 39<sup>4</sup>, tinham a percepção de que a coragem é um dom inato, mais do que algo que se possa aprender através do treino militar precoce, como advogavam os Espartanos. Mas, apesar da diferença de posição quanto à fonte de tal virtude, quer os Atenienses quer os demais Gregos (no texto representados pelos Coríntios) reconhecem que os protegidos de Atena são possuidores desta característica ao mais alto nível, como no-lo demonstra o emprego recorrente de palavras da família de τόλμα em Thuc. 1.70.2 e 1.74.2 e 4.

A coragem de Atenas suscitava ao mesmo tempo admiração e terror entre os Gregos, porque parecia ser directamente proporcional às dificuldades enfrentadas. O próprio Péricles reconhece essa capacidade, quando, em Thuc. 1.144.4, afirma que a vitória sobre os Persas se ficou a dever mais à coragem do que ao poderio militar dos Atenienses (τόλμη μείζονι ἢ δυνάμει). Até o inimigo elogia

---

<sup>3</sup> Tradução de Caeiro (2004: 56).

<sup>4</sup> Cf. Lys. 2. 63.

a audácia deste povo, que, segundo Górgias (DK 82 B6), possui um ímpeto bélico inato (ἐμφύτου ἄρεος).

Feitas estas considerações prévias, importa agora apresentar os Atenienses que serão recordados nesta breve reflexão. Um deles não constituirá surpresa, pois é impossível mencionar o século V ateniense sem que de imediato não se pense nele. Trata-se, como é óbvio de Péricles. Os outros dois – Nícias e Alcibíades – apenas ganharam proeminência após a morte do filho de Xantipo. Embora não seja possível classificar nenhum deles como totalmente audaz, corajoso ou covarde (algo que se justifica pelo próprio facto de serem humanos – ninguém é totalmente mau ou bom<sup>5</sup>), no cômputo geral, cada um pode ser apresentado como ilustração das virtudes ou vícios em causa.

Comecemos por Alcibíades. Desde a mais tenra idade, este jovem, que também ficou conhecido pela sua inigualável beleza, foi revelando um dos seus principais traços de carácter.

Abramos um parêntesis para chamar a atenção para o seguinte: dos três políticos em causa, só em relação a Alcibíades Plutarco recorda episódios de infância<sup>6</sup>. Este é um procedimento frequente no conjunto das *Vitae Parallelae*, porque o Queroneu acredita que os principais vícios e virtudes do homem adulto, que decorrem tanto da natureza de cada um quanto da influência do meio social em que vive e da educação que recebe, são perceptíveis desde muito cedo.

Neste caso concreto (*Alc.* 2.3-4), o Alcmeónida revela-se suficientemente temerário para, mesmo pondo em risco a própria vida,

---

<sup>5</sup> Plutarco tem esta realidade sempre presente. É por essa razão que os seus textos espelham tão bem a natureza humana.

<sup>6</sup> O tópico da brincadeira pueril que revela o carácter excepcional e potencialidades de alguém é recorrente na literatura grega (cf. Hdt. 1.149 a propósito de Ciro). É também esse o intuito das anedotas/caricaturas que são antecedente da própria biografia, como no-lo demonstra Ar. *Eq.*: neste caso concreto, o perfil de político do Salsicheiro percebe-se já nas reacções do menino. A importância dada a este período da vida dos indivíduos nas biografias é uma influência do *encomium*. Nestes textos, a descrição da infância e dos primeiros feitos de quem era alvo do elogio não tinha tanto por objectivo mostrar como se desenvolveu a sua personalidade, mas demonstrar que as virtudes reveladas enquanto crianças se mantêm pela vida fora, ou seja, que se trata de uma espécie de predestinação ou dotes naturais. O interesse pela infância também se estendia à temática da educação: não admira, por isso, que, nas vidas dos indivíduos que se distinguiram por uma marca intelectual mais nítida, os relatos sobre essa fase sejam mais embelezados: são esses, por exemplo, os casos de *Per.*, *Them.*, *Phil.*, *Cic.* e *Luc.*

Sobre a infância na biografia, vd. Pelling (1990: 213-244).

lutar para que se faça a sua vontade. Quando a aproximação de um carro ameaça interromper um jogo<sup>7</sup> no preciso momento em que Alcibíades deveria intervir (ou, se quisermos acentuar a ideia, ser o protagonista), ele contraria todas as expectativas (já que os colegas de brincadeira se afastaram), lançando-se para diante do veículo cuja marcha assim detém. Como é óbvio, este comportamento suscita reacções diversas: o cocheiro fica assustado e quem estava a observar a cena, admirado. Medo e admiração eram, na verdade, os sentimentos que Alcibíades mais costumava despertar nas pessoas (como se pode ver ao longo da biografia), o que contribuía para que a sua popularidade fosse inconstante.

Antes de mostrar a audácia de Alcibíades enquanto homem público, Plutarco alude a outros episódios da mesma natureza do que acabámos de mencionar, não tanto para ilustrar a audácia do jovem (que é um dos mais bem conseguidos exemplares desta característica), mas antes a sua ambição desmedida, ambas decorrentes de um outro traço que marca a sua personalidade: a vontade de ser sempre o primeiro (φιλονικία). Esta audácia surge, pois, como um excesso necessário à satisfação de uma necessidade também ela excessiva.

Plutarco conta ainda que, durante um exercício de luta, Alcibíades não encontra outra maneira de evitar a derrota senão mordendo o adversário, algo que pode ser considerado uma violação das regras<sup>8</sup> de *fair-play*. Acusado de se comportar como uma mulher, ele contrapõe ter antes agido como um leão (*Alc.* 2. 2-3).

Outros momentos houve em que o jovem Alcmeónida exibiu da pior maneira a sua audácia, sem nunca se preocupar com as consequências: sequestrou o pintor Agatarco (*Alc.* 16. 5), roubou objectos de casa de um amante (*Alc.* 4. 5), agrediu o futuro sogro (*Alc.* 8. 1), cortou a cauda do cão (*Alc.* 9).

Estes episódios da sua vida privada tiveram consequências directas na sua actuação política. De facto, com um historial tão profusamente recheado de momentos que raíam o absurdo, Alcibíades deu azo a que todas as acusações que lhe foram imputadas pudessem ser tidas como verdadeiras. E os seus inimigos políticos não deixaram

<sup>7</sup> Sobre o jogo em causa (atestado, e.g., em *Il.* 23. 87-8; *Pl. Th.* 145c; *Plu. Lys.* 8. 4-5, *Moralia* 812A, vd. Beck, (1975: n.ºs 342-345); Ricotti (1995: 47-48); Kurke (1999: 283-95).

<sup>8</sup> Sobre as regras da luta antiga e pancrácio, vd. Harris (1964: 102-109); Poliakov (1987: 23-63).

passar a oportunidade. Quando se preparava para a expedição da sua vida – o ataque à Sicília – os adversários responsabilizaram-no por uma série de crimes que inviabilizavam a sua permanência no comando da armada, que partilhava com Lâmaco<sup>9</sup> e com Nícias, outro dos nossos três heróis.

Enquanto Alcibíades simboliza a audácia – é, portanto, um dos extremos, segundo Aristóteles –, Nícias simboliza o oposto, a cobardia. Com efeito, este estrategista, que se tinha manifestado ferozmente contra a expedição à Sicília<sup>10</sup>, foi escolhido para servir de contrapeso<sup>11</sup> ao excesso de ambição (φιλοτιμία) e de ousadia (τόλμα) pelo qual Alcibíades era conhecido<sup>12</sup>. Mais tarde, no âmbito da mesma expedição, Nícias tentaria de novo, sem sucesso, travar igual excesso de confiança de Demóstenes.

O texto de Plutarco (*Nic.* 4, 23. 1) descreve-nos um homem famoso<sup>13</sup> pela sua grande fraqueza: a superstição, isto é, o temor diante das coisas divinas, que está diretamente relacionada com este defeito – o medo – e com a sua *pietas erga deos*.

O Queroneu, que consagra um dos seus opúsculos ao tema das superstições (*Moralia* 164E-171F), não tece nas biografias em causa qualquer comentário a favor dessas credices. No entanto, parece

---

<sup>9</sup> Filho de Xenófanes e natural do demo de Ea, participou em diversas expedições, nomeadamente na que foi enviada a Esparta para celebrar a paz de Nícias (422/421a. C.). Apesar de mais velho, Lâmaco tinha um espírito muito parecido com o de Alcibíades. Em *Nic.* 12.3-6 salienta-se a sua temeridade (θρασύτητα), característica que, em simultâneo com a sua posição belicista na guerra do Peloponeso, lhe valeu o ataque de Aristófanes em *Ach.* 270 e *Pax* 304. Note-se, contudo, que o comediógrafo (*Th.* 841) soube prestar-lhe a devida homenagem pelo heroísmo que demonstrou por ocasião da sua morte em Siracusa. Também é mencionado por *Plu. Per.* 20.1

<sup>10</sup> Em *Alc.* 1.2, Plutarco refere que havia quem tivesse considerado um mau presságio que um estrategista, cujo nome tem origem no substantivo que significa vitória (νική) se opusesse à expedição.

<sup>11</sup> Além de se ter oposto à audácia (τόλμα) de Alcibíades, também era contra a audácia e a impudicícia (βδελυρία) de Cléon (*Nic.* 2. 2).

<sup>12</sup> Cf. *Nic.* 12. 3-6. Não deixa de ser curioso notar que o biógrafo utiliza neste contexto (*Alc.* 18. 1-2) vocabulário relacionado com o vinho, pois fala na necessidade de misturar (μυθείσης) a audácia de um Alcibíades puro (ἄκρατος) com a prudência (προνοία ou ἐνλάβεια – *Nic.* 12. 5) de Nícias. Este tipo de metáfora ocorre também em *Per.* 7.8 a propósito do povo e da liberdade que este conseguiu sob o governo de Péricles.

<sup>13</sup> Em *Alc.* 4.4-4.9, Plutarco cita alguns textos que confirmam a tradição sobre o medo de Nícias.

ficar no ar uma ideia que permanece nos nossos dias: não é difícil ouvir-se dizer “eu não acredito em bruxas, mas que as há, há...”. A verdade é que, na sequência dos presságios que refere nos textos sobre os quais nos estamos a debruçar, Atenas sofreu sempre um revés. Um dos momentos mais relevantes no que respeita à superstição de Nícias prende-se com a expedição à Sicília, que foi precedida de inúmeros “avisos”, aos quais este<sup>14</sup> ainda tentou dar ouvidos, como a mutilação dos Hermes<sup>15</sup>, ou a festa em honra de Adónis<sup>16</sup>. No entanto, Alcibíades, na esteira de Péricles – que, não por acaso, é o modelo que hoje aqui apresentamos como protótipo da coragem, não se deixava intimidar por esse tipo de argumentos, pelo que a sua posição vingou e a armada partiu. E Atenas acabou humilhada.

Algo semelhante aconteceu por ocasião do regresso do filho de Clíniais à πόλις após os anos de exílio: apesar de ter sido recebido com entusiasmo e esperança num futuro melhor para a cidade, o Alcmeónida regressou num dia considerado nefasto<sup>17</sup>. E não demorou muito que a Atenas conhecesse a ruína definitiva.

Mas, o primeiro de todos os momentos relacionados com a superstição é mencionado em *Per.* 35. 2, passo no qual se associa o fracasso do cerco de Epidauró à concretização do presságio de mau augúrio que antecedeu a partida da armada. De facto, no momento em que as trirremes se preparavam para zarpar, houve um eclipse

---

<sup>14</sup> Em *Nic.* 13, o Queroneu menciona exemplos dos vários presságios e estratégias através dos quais se tentou, sem sucesso, evitar a expedição.

<sup>15</sup> *Alc.* 18. 6; *Nic.* 1.2. Esta acusação ocorreu pouco depois do episódio da mutilação dos Hermes, entendido por alguns como um mau presságio para a expedição que se avizinhava. A propósito desta questão, leia-se Ferreira (2012: 233, n. 117).

<sup>16</sup> *Alc.* 18. 5. Cf. *Nic.* 13.11 (onde este presságio é apresentado antes do da mutilação dos Hermes, ou seja, em ordem inversa relativamente à *Vida de Alcibíades*) e *Ar. Lys.* 387-397. Trata-se de uma festa associada à morte, durante a qual se expõe imagens que representam os mortos e se imitam ritos fúnebres. Sobre este festival, vd. *OCD* s.v.

<sup>17</sup> Alcibíades desembarcou no Píreu a 25 de Maio (Targélion) de 407 a. C. Anualmente nessa data, procedia-se à lavagem ritual do πέπλος de Atena. Sobre esta cerimónia, consulte-se Nagy (1994: 275-285), segundo o qual o Alcmeónida, muito pouco atento às datas das festividades sagradas, teria regressado nesse dia ludibriado pelos inimigos, que lhe teriam assegurado que as Plintérias já tinham ocorrido.



da lua, que deixou todos em pânico, à excepção de Péricles<sup>18</sup>, cujo comportamento se prende a uma sólida formação filosófica, da qual resultou o seu espírito esclarecido. Ele conseguiu convencer os Atenienses a partir, depois de lhes explicar o funcionamento do fenómeno. Péricles fê-los compreender que nada há a temer, que se trata de algo inofensivo, tal como o é a escuridão provocada pelo cobrir do rosto com um manto. No entanto, apesar de Péricles considerar a associação do eclipse a um mau presságio uma forma de superstição e ignorância, os Atenienses saíram derrotados.

Em *Nic.* 23, o biógrafo alude a outro eclipse lunar, tido como sinal de grandes calamidades enviadas pelos deuses, que lhe permite abordar o tema da superstição e da luta do progresso científico contra esses temores infundados. Neste caso específico, Nícias ficou como que petrificado pelo medo. O biógrafo menciona que durante dias se limitou a oferecer sacrifícios aos deuses e a consultar adivinhos, algo que, como é óbvio, o impediu de desempenhar convenientemente as suas funções de homem de Estado.

Quanto a Péricles, mostrou-se, de um modo geral, um político virtuoso, o último da geração dos bons. No fim da sua vida, contudo, fragilizado pela doença que viria a vitimá-lo, chega a usar amuletos, um comportamento próprio de mulheres e sinal de crença em superstições (*Per.* 38. 2). De acordo com Teofrasto<sup>19</sup>, este episódio apenas revela que a dor, o sofrimento e a vivência de momentos difíceis fazem com que uma pessoa altere o seu comportamento. Mas, se de facto isto aconteceu, foi um dos pouquíssimos momentos em que a moderação de Péricles não conseguiu resistir aos infortúnios do destino por efeito do acumular de situações penosas na fase final da sua vida (recordemos a perda dos filhos legítimos, de

---

<sup>18</sup> O eclipse aqui mencionado teve lugar a 3 de agosto de 431 a. C., como afirma Tucídides (2. 28). Cícero (*Rep.* 1. 16) e Valério Máximo (8. 11, ext. 1) mostram o filho de Xantipo a explicar o eclipse, sem no entanto relacionarem tal explicação com o momento da partida da expedição.

<sup>19</sup> Teofrasto (fr. 463 Fortenbaugh) tentou perceber se a virtude pode ser alterada pelo destino ou por outros factores exteriores, como a dor física. A partir do caso de Péricles, parece que realmente factores externos podem fazer mudar o comportamento. Essa é, pelo menos, a única justificação que o discípulo de Aristóteles encontra para explicar que Péricles ostentasse ao pescoço um amuleto. Sobre esta debatida questão da alteração de carácter e a posição de Plutarco sobre a matéria, leiam-se Gill (1983: 469-481); Swain, (1989: 62-68); Pérez Jiménez (1994: 331-340).

outros familiares e amigos em consequência da peste e, por fim, o seu próprio contágio).

Já no caso de Alcibíades, não há qualquer menção a episódios desta natureza. O “fenómeno” mais próximo que nos ocorre referir é o sonho que terá tido pouco antes de morrer, anunciador da sua morte prematura, do qual o biógrafo nos apresenta duas versões (*Alc.* 39). Numa delas, Alcibíades via-se vestido com as roupas de Timandra<sup>20</sup>, hetera com a qual vivia na Frígia, e que segurava a sua cabeça nos braços enquanto lhe penteava os cabelos e pintava o rosto. De acordo com a outra versão, o Alcmeónida viu o próprio Bageu (irmão de Farnabazo) a cortar-lhe a cabeça e a incendiar-lhe corpo. No entanto, ao invés de ficar tolhido pelo medo e inactivo como Nícias, reza a história que o filho de Clínias enfrentou, sozinho e com a audácia que lhe era conhecida, os homens que o atacaram, sem se atreverem a defrontá-lo directamente, cercando e incendiando-lhe a casa. Alcibíades não se deu logo por vencido e ousou atravessar o fogo para escapar. Foi de longe, sem ousar uma aproximação, que os assassinos o atingiram com lanças e flechas.

Se vimos de que modo audácia, coragem e medo influenciaram a vida privada dos nossos heróis, reflectamos agora, com mais cuidado, sobre como esses traços de carácter influenciaram a actuação de cada um deles enquanto políticos activos.

Um dos principais motivos de temor de um estadista ateniense é, sem dúvida, o povo. Isso acontece, de acordo com Plutarco (que partilha da opinião de Platão), porque o vulgo é uma massa inconsistente, que tão depressa idolatra como ataca os seus governantes<sup>21</sup>.

Alcibíades nunca teve medo do povo, até ao momento em que foi traído por ele e obrigado a abandonar o comando da armada para ir a tribunal defender-se das acusações que mencionámos anteriormente. Nessa altura, tal como Nícias viria a fazer mais tarde, o Alcmeónida receou pela sua vida se cumprisse as ordens do povo e... fugiu! A esta fuga ficou associada uma frase do filho de Clínias que mostra bem a desconfiança própria dos Atenienses, aqui representada pelo próprio fugitivo, que afirma não confiar a vida à própria mãe (*Alc.* 22. 2), quanto mais aos concidadãos em

---

<sup>20</sup> Segundo Littman (1970: 269), Ateneu menciona que a hetera se chamava Damasandra (“domadora de homens”), divergência que o classicista atribui a um trocadilho cómico com o nome de Timandra (“que honra os homens”).

<sup>21</sup> Vd. Ferreira (2012: 219-230).

fúria. Ferido no seu orgulho por este supremo desrespeito pela sua soberania, o povo acabou por condená-lo à morte, o que fez com que Alcibíades optasse pelo exílio e, numa reacção imatura, atacasse a pátria para dar a conhecer que estava vivo e bem vivo (*Alc.* 22. 3, *Moralia* 186D).

O povo e Alcibíades envolvem-se, assim, numa disputa, cujo objectivo cego e obstinado é provar ao adversário quem é, afinal, o mais poderoso e capaz. Este comportamento, visto pelos olhos de Alcibíades, pode ser entendido (e até desculpabilizado) como o de um inocente que se recusa a pagar por um crime que não cometeu ou o de alguém a quem tudo era permitido e, a quem, de repente, tudo passa a ser negado. Mas não deixa de ser um comportamento infantil e impróprio de um homem de Estado, que tudo deve fazer pelo bem da sua *πόλις* e concidadãos, como defende Plutarco.

Todavia nem este primeiro contratempo refreou a audácia do quase inabalável Alcibíades. Mesmo no exílio, sem a protecção da pátria, ousou urdir intrigas para alcançar os seus objectivos, não só contra Atenas mas igualmente contra os aliados que, magoados com alguns comportamentos menos próprios do Alcmeónida, buscavam a vingança. Alcibíades só estremeceu quando se apercebia de que as suas “conspirações” haviam despertado a ira dos visados. No entanto, ao contrário de Nícias, que ficava agarrado ao problema, Alcibíades logo buscava um novo estratagema para tentar remediar a situação. Foge do povo, refugiando-se junto dos Espartanos, foge dos Espartanos, refugiando-se junto dos Persas.

Segundo o Queroneu (*Nic.* 2. 4), Nícias, pelo contrário, revelou sempre um forte temor da população, algo que os Atenienses apreciavam, já que viam nessa atitude um sinal de respeito. Tal sentimento fica claro, por exemplo, em *Nic.* 22.2, onde se descreve o rotundo fracasso da expedição à Sicília, previsto por Nícias – e também antes por Péricles. Nessa altura, Nícias afirmou preferir morrer às mãos do inimigo do que regressar para junto dos concidadãos, pois temia os seus famosos processos e delações, às quais nem Péricles escapou.

Importa, contudo, salientar que Nícias consegue superar o próprio medo pelo bem dos seus homens. Efectivamente, velho, cansado e doente, na reta final da expedição à Sicília, quando já não se vislumbrava qualquer esperança na vitória, ele lutou até ao fim, para não abandonar nem deixar ficar mal os que estavam sob as suas ordens. Não é, por isso, sem razão que Plutarco, no início da

biografia (*Nic.* 2. 1), o apresenta como exemplo máximo de amizade e dedicação paternal para com o povo.

No que a Péricles diz respeito, pode considerar-se que ele é o equilíbrio, o meio-termo entre Alcibiades, a audácia, e Nícias, o temor infundado. De facto, quer a nível privado quer a nível público, Péricles foi alguém que nunca virou as costas aos problemas e que soube sempre ou esperar pela ocasião propícia para agir ou fazer com que as circunstâncias fossem favoráveis aos objectivos que se propunha atingir. Por exemplo, quando decidiu iniciar-se na actividade política, teve em conta as suas características pessoais e o próprio contexto sociopolítico para definir a sua acção. Sabendo que o seu aspecto e até a voz faziam recordar o tirano Pisístrato, optou por se mostrar mais próximo do povo (contrariando a sua natureza pouco populista – *Per.* 7. 1), de modo a ganhar a confiança das massas<sup>22</sup>. Isso fez com que não pudesse de imediato começar a governar à sua maneira, o que revela coragem e força de vontade.

Mas foi no plano militar que a coragem de Péricles mais se evidenciou. Com efeito, este estadista ficou célebre pelas estratégias que delineou quer para a Guerra de Samos, quer para a do Peloponense: contrariando a posição da maioria dos Atenenses, que queria resolver o problema depressa, Péricles foi arranjando mecanismos para conter o ímpeto do povo enquanto aguardava pelo momento oportuno para o derradeiro golpe. Àqueles que tinham sede de combater, tal postura parecia própria de quem sente medo. No entanto, o sentimento que guiava este político era a esperança de obter os melhores resultados para Atenas sem que fosse preciso hipotecar desnecessariamente a vida dos concidadãos. E essa era o grande lema de Péricles: não submeter a vida dos seus homens nem a sua cidade a riscos vãos. Nos momentos finais do texto de Plutarco, o biógrafo menciona que, nos derradeiros dias de vida, Péricles, ouvindo as considerações elogiosas que dele teciam as suas visitas, afirmou, em jeito de auto-avaliação, que o melhor que fez foi nunca colocar desnecessariamente os Atenenses em risco (*Per.* 38. 4). Na verdade, Péricles sempre se mostrou prudente, cauteloso, sensato, alguém que pensava antes de agir, como bom estratega que era. Ele não se importava de esperar pelo momento favorável, o que para muitos era visto como sinal de medo.

---

<sup>22</sup> Vd. Ferreira (2012: 194, 198).

Este comportamento é próprio de quem é virtuoso e conseguiu alcançar a moderação. Com efeito, o audacioso é incapaz de esperar, pelo que a sua acção precipitada leva quase sempre ao infortúnio ou insucesso. O medroso é incapaz de agir, pelo que a sua inacção não leva a lado algum e faz perder oportunidades de sucesso. O ideal é, portanto, a moderação, que neste contexto designamos, seguindo Aristóteles, por coragem. A pessoa corajosa não age por impulso, reflecte sempre sobre as circunstâncias e condicionantes e é em função dessas que conclui se a opção mais corajosa é agir no imediato ou mais tarde.

Muito mais haveria para dizer. De qualquer modo, parece legítimo concluir, com Aristóteles e Plutarco que, quer a audácia quer o medo acabam por ser defeitos que não devem caracterizar o político que tem o futuro de um povo, o seu povo, nas mãos. Assim, Péricles, o corajoso, simboliza o apogeu de Atenas; Alcibíades e Nícias, respectivamente o audaz e o medroso, os dois extremos que decorrem de personalidades menos bem formadas, simbolizam o declínio da πόλις.

